

The Mulberry Bush

A noite passada sonhei que tinha voltado à casa do avô. O jardim estava submerso em nevoeiro e o vento muito frio trazia-nos os sons indistintos da charneca.

Nós brincávamos aos fantasmas.

— Não vêem um fantasma naquela janela?

Lizzie, Miranda, John e eu. Devíamos ter nove ou dez anos, como na altura em que nos conhecemos. A primeira vez que os nossos pais nos mandaram para a casa do avô, nas férias de Verão.

Era o tempo em que acreditávamos em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço. Mas nos primeiros dias nenhum de nós acreditava muito na

existência da charneca: era uma palavra, um outro nome para o nevoeiro. Só duas semanas depois de termos chegado começou a dissipar-se: à noite já víamos algumas estrelas, encostámo-nos à janela da sala de estar e Lizzie contou-as em voz alta.

Na manhã seguinte o mundo estava transformado, a paisagem a preto-e-branco revelava-se uma paisagem a cores, cheia de luz e de tonalidades inesperadas. As árvores eram muito mais altas do que pensávamos, as sebes estavam mal aparadas e as flores dos canteiros quase desapareciam no meio das ervas. Lembro-me de termos corrido para fora e de ficarmos imóveis durante muito tempo a olhar a velha casa. Afinal era só uma casa de campo inglesa de tijolo avermelhado, com as chaminés simétricas e as paredes cobertas de vinha virgem, e não havia fantasmas nas janelas.

E do outro lado do portão estendia-se a charneca.

Mas no meu sonho estava nevoeiro, o jardim submerso em nevoeiro, e nós corríamos por entre as árvores; a certa altura Lizzie começou a cantar e acompanhámo-la instintivamente.

Não dançávamos, nenhum de nós sabia dançar, mas os nossos movimentos ganharam um ritmo

estranho, quase inconsciente, e as nossas vozes reflectiam a sabedoria velha e implacável das crianças quando estão a cantar.

*Here we go round the mulberry bush,
The mulberry bush, the mulberry bush.
Here we go round the mulberry bush,
On a cold and frosty morning.*

Quando despertei pareceu-me ouvir ainda as nossas vozes ao longe, *on a cold and frosty morning*.

E com uma sensação de irrealidade percebi que estava mesmo na casa do avô.

A vivenda chamava-se Wistaria Hall: no alpendre e nas árvores mais próximas cresciam lilases que nunca vimos em flor. Mas para nós era simplesmente a casa do avô.

Estava num dos quartos do rés-do-chão. Embora o avô tivesse morrido há muitos anos, escolhêramos sem pensar um dos quartos do rés-do-chão, aquele onde John e eu dormíamos em pequenos.

A mulher ao meu lado continuava adormecida, um sono profundo e tranquilo que eu conhecia bem. O seu cabelo era tão louro como antigamente mas

estava muito mais curto; tinha o mesmo cheiro, cheiro a Johnson's ou algo do género.

Ela usava um perfume americano de uma marca conhecida, uma mistura de tangerina, limão e um cheiro acre mas agradável que eu não conseguia identificar. Mas o seu cabelo continuava a ter o cheiro de antigamente, cheiro a leite, e era macio e saudável, suponho que nunca o pintara, nunca fizera madeixas, limitava-se a lavá-lo com o mesmo champô.

O pendente do seu colar deslizara para trás. A rosa de prata, aberta, com um minúsculo diamante branco. Quando ela se moveu ligeiramente ficou oculto pelo seu cabelo.

O meu último amor. A noite passada numa festa encontrei o meu último amor. O princípio de um conto de que ambos gostávamos. O que sentia era doce e amargo ao mesmo tempo, ignorava se ela estava ali porque ainda me amava ou para obter algo de mim. Era nisso que nos tínhamos transformado, dois seres quase sórdidos, ou simplesmente mais fanáticos do que nunca.

Levantei-me com cuidado para não a despertar. Mas ela voltou-se e abriu os olhos.

- Ainda é muito cedo. Dorme.
- Que horas são?
- Seis e meia.
- Chamas-me depois?
- Sim.
- Está bem.

A mulher voltou-se para o lado e afundou o rosto na almofada. Esperei alguns minutos até me certificar de que adormecera de novo.

Perguntei a mim mesmo com que sonhava. Ela tinha um ar tão tranquilo...

Talvez sonhasse com os quatro meninos que brincavam no jardim, no meio do nevoeiro. Não vêm um fantasma naquela janela?

Na verdade, eram oito e cinco da manhã. Mas ainda fazia escuro, como se fosse noite fechada.

Vesti a roupa que ficara sobre uma cadeira, misturada com a dela, e saí do quarto.

A casa estava muito fria. Nenhum de nós sabia ligar o aquecimento e só o monte de cobertores que ela pusera sobre a cama nos impedira de gelar durante a noite.

Fui à cozinha, onde uma vela ardera até ao fim, e lavei o rosto na água gelada. Tirei uma chávena